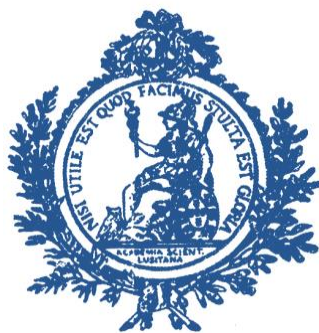


Rui Malhó

**ELOGIO HISTÓRICO DE LUÍS JORGE  
PEIXOTO ARCHER  
SEGUIDO DE  
RECEÇÃO DO SR. RUI MALHÓ COMO SÓCIO EFETIVO DA  
SECÇÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Por Maria Salomé Pais



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
CLASSE DE CIÊNCIAS

**FICHA TÉCNICA**

**TÍTULO**

ELOGIO HISTÓRICO DE LUÍS JORGE PEIXOTO ARCHER  
SEGUIDO DE  
RECEÇÃO DO SR. RUI MALHÓ COMO SÓCIO EFETIVO DA SECÇÃO  
DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**AUTORES**

RUI MALHÓ  
MARIA SALOMÉ PAIS

**EDITOR**

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

**EDIÇÃO**

INÊS GARCEZ  
DIANA SARAIVA DE CARVALHO

**ISBN**

978-972-623-376-3

**ORGANIZAÇÃO**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2019

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

# ELOGIO HISTÓRICO DE LUÍS JORGE PEIXOTO ARCHER

Rui Malhó



O que é um *elogio histórico* a uma personalidade como Luís Archer?

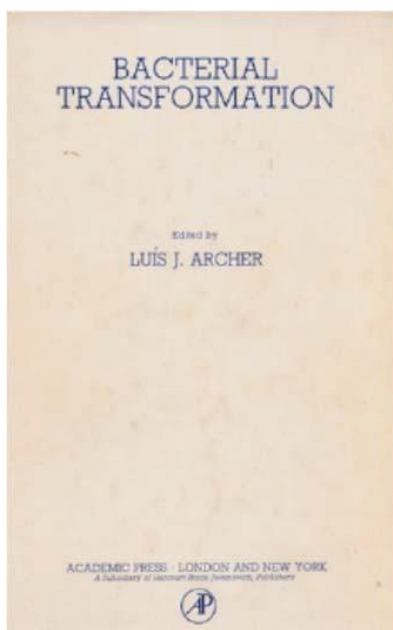
Esta foi a primeira questão que me assolou ao ser confrontado com a tarefa e responsabilidade de proferir tal elogio, enquanto recém-eleito membro efectivo da ACL, secção de Ciências Biológicas, ocupando com profunda honra a cadeira anteriormente detida por Luís Jorge Peixoto Archer.

De forma muito científica, esta questão rapidamente se transformou em múltiplas outras que tentei sistematicamente decompor por forma a conseguir chegar a uma forma simplificada de apresentação perante os ilustres confrades. O que é um elogio histórico? Como lhe dar algum sentido diferenciador numa era de informação sempre disponível com um clique informático? Como fazê-lo respeitando uma identidade científica e cultural da personalidade em causa? Como abordar o percurso de um cientista, religioso, que foi discípulo, mestre, académico, fundador, divulgador, animador, músico, biólogo, filósofo, teólogo?

Por definição, “elogio histórico” será um enaltecimento das qualidades e feitos passados de alguém. Ora no caso de Luís Archer, não me pareceu ter muito sentido elencar o que é por demais sabido; como escreveu o Professor José Rueff, “tudo o que se possa escrever sobre o Professor Luís Archer será sempre inexoravelmente incompleto porque era um homem de carisma”. O seu percurso desde jovem, a sua formação enquanto Jesuíta, enquanto geneticista, a sua biografia, os cargos que ocupou, as distinções, os prémios, as obras que publicou, tudo isto está disponível em várias páginas da Internet, inclusive numa entrada exclusivamente dedicada na Wikipédia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Luís\\_Archer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luís_Archer)).

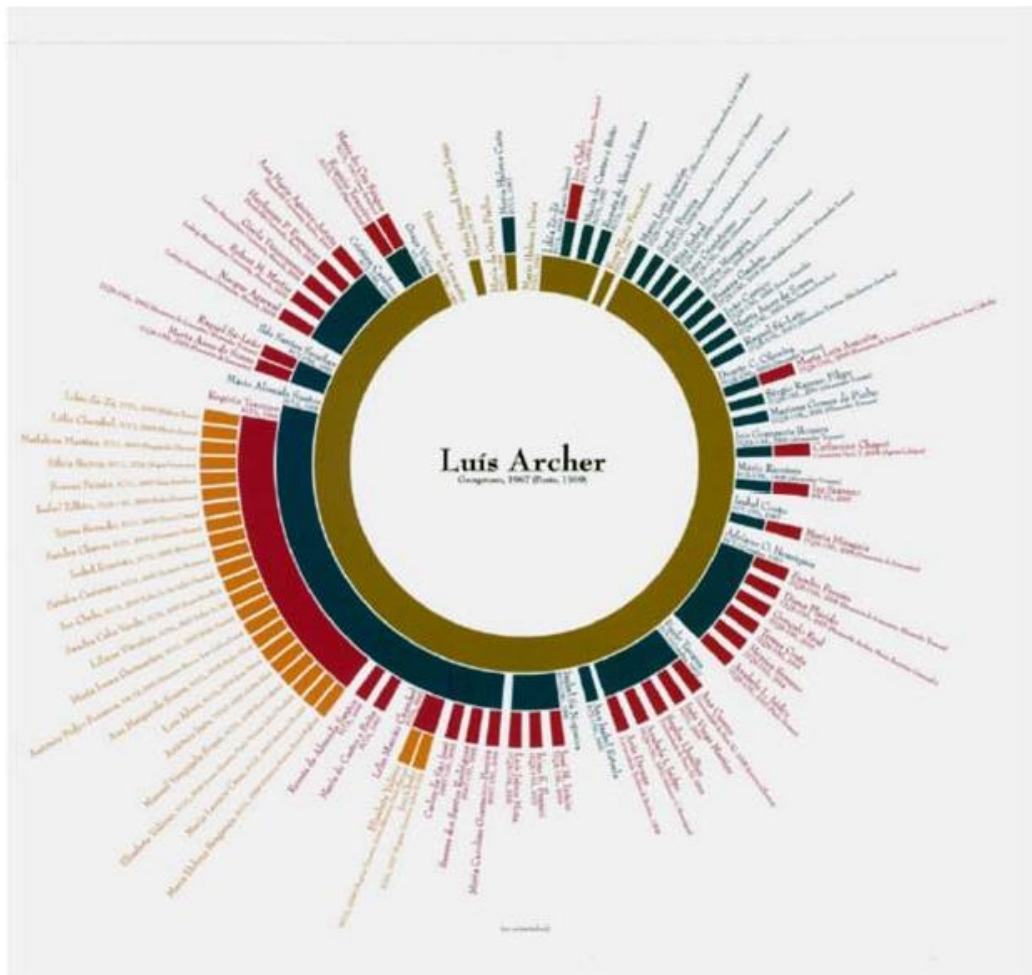


Menos fácil de descrever é a estima, a consideração, o respeito e a amizade que sentiam todos que com ele de perto privaram. Do vasto conjunto de informação disponível, gostaria de destacar duas publicações da autoria de Francisco Malta Romeiras, cuja recolha histórica sobre Luís Archer e o papel dos Jesuítas na Ciência portuguesa é fascinante e de grande relevância. São elas *Ciência, Prestígio e Devoção: Os Jesuítas e a Ciência em Portugal (séculos XIX e XX)*, de 2015 [ISBN 9789898516923] e “The emergence of molecular genetics in Portugal: the enterprise of Luís Archer S. J.”, de 2013 [Archivum Historicum Societatis Iesu. LXXXII (164): 501-512. ISSN 0037-8887 – [https://researchgate.net/publication/259308502\\_The\\_emergence\\_of\\_molecular\\_genetics\\_in\\_Portugal\\_the\\_enterprise\\_of\\_Luís\\_Archer\\_SJ](https://researchgate.net/publication/259308502_The_emergence_of_molecular_genetics_in_Portugal_the_enterprise_of_Luís_Archer_SJ)].



Neste contexto, pareceu-me fazer mais sentido substituir a questão original por outra: quem foi para mim Luís Archer? O meu contacto directo com o Professor Archer limitou-se a algumas Sessões Académicas mas o meu percurso científico esteve sempre rodeado de pessoas que com ele se formaram, que com ele aprenderam e dele tomaram o gosto por ensinarem outros, sempre com grande humildade. Luís Archer foi o precursor de uma geração de cientistas que, com poucas condições mas grande dedicação, estabeleceram os alicerces da

Ciência que hoje se faz em Portugal<sup>1</sup>. A fase latente de uma curva de crescimento que possibilitou modernização, internacionalização, multiplicação e expansão. Esta é a enorme dívida que a minha geração tem para com os seus mestres dos quais Luís Archer é um exemplo paradigmático.



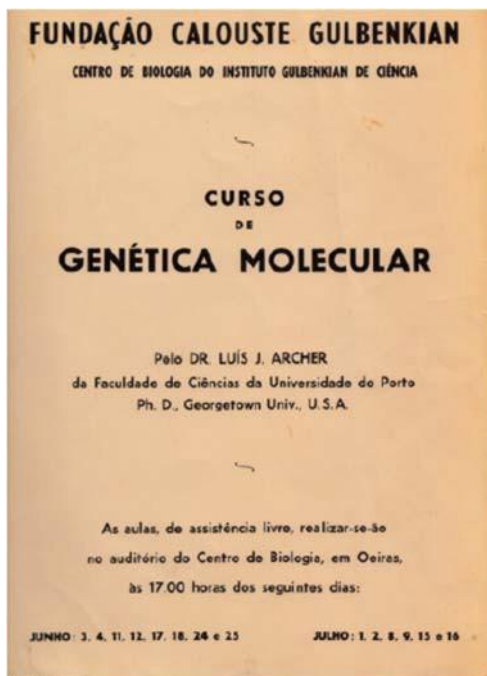
No meu caso, enquanto aluno e mais tarde docente da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, tive o privilégio de conviver com Maria Helena Paveia, Graça Vieira, Graça Fialho, Mário Santos, José Rueff e, mais recentemente, com os seus discípulos, filhos, netos e outros parentes desta que é também a família de Luís Archer.

---

<sup>1</sup> Leia-se a este propósito o seu discurso por ocasião da atribuição do grau de Doutor Honoris Causa pela UNL, fundamental para se entender o contexto histórico e social do trabalho de Luís Archer em Portugal: <http://www.agencia.ecclesia.pt/portugal/discurso-de-Luís-archer-ao-receber-o-grau-de-doutor-honoris-causa/>.



Pese embora uma extensa lista de publicações científicas, Luís Archer não se destacou à luz dos padrões actuais e indicadores bibliométricos. Luís Archer destacou-se pela sua capacidade de criar uma escola, de dar a conhecer toda uma área — Genética Molecular — cuja relevância científica e societal é ímpar. Um ponto de nucleação numa reacção autocatalítica. Até que ponto esta força e esta vontade de ensinar, de transmitir, de compromisso com a causa comum, era um traço de carácter inato ou fruto da sua formação jesuíta é algo que com ele gostaria de ter discutido. Considerar-se-ia ele mais um produto da sua “*nature*” ou “*nurture*”? Ele que



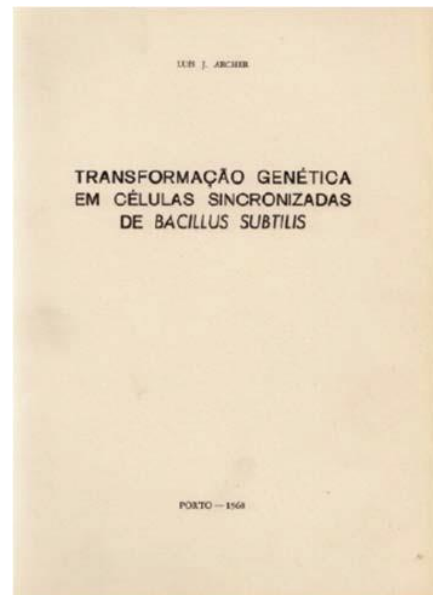
considerava o Luís irmão de Jorge!<sup>2</sup> Presumo que iríamos convergir numa influência mútua e a conversa possivelmente ia levar-nos para outros aspectos, da epigenética, da evolução, da consciência, do papel da Humanidade.

E sabendo do seu enorme empenho nas questões Bioéticas — outra área cuja implementação em Portugal a Luís Archer muito deve<sup>3</sup> — questioná-lo-ia até que ponto uma sociedade que pugna por uma equidade de recursos (ambientais, sociais, económicos) não pode também aceitar uma equidade genética? Até

<sup>2</sup> Archer, L., «O meu irmão e eu: dois mundos em conflito», *Jornal de Letras e Artes*, 23/10/1984.

<sup>3</sup> Foi, desde os anos 80, representante de Portugal em várias comissões de Bioética no Conselho da Europa, OCDE, Comissão Europeia e Fundação Europeia para a Ciência. Nomeado, pelo Presidente da Comissão Europeia, membro do "Grupo de Conselheiros sobre as Implicações Éticas da Biotecnologia" (1993-1997). Presidente do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (nomeado pelo Primeiro-Ministro) de 1996-2002.

que ponto sacralizar uma versão genética da nossa espécie não é um contra-senso evolutivo, uma eugenia arrogante? Numa época em que a edição de genomas é uma realidade, até que ponto os avanços tecnológicos não vão alterar esse balanço “nature/nurture” e modificar o nosso destino. Ou se quiçá não será esse mesmo o nosso desígnio? Fazer luz sobre o conhecimento e a compreensão da natureza e da humanidade aproxima-nos ou afasta-nos do conceito platónico de um demiurgo?



Ele provavelmente retorquiria com um pensamento bem mais amadurecido ou não tivessem estas suas palavras já mais de uma década<sup>4</sup>:

*Considerando que ambos são criações do espírito humano na busca da felicidade, auto-realização e integração pacífica no nosso planeta, a verdade é que humanismo e tecnociência são dois mundos díspares e distantes (...). A tecnociência é um bem imprescindível para o progresso das civilizações mas pode degenerar num tecnologismo despótico e desumanizante — o tecnocosmos. (...) Existe no entanto um humanismo sem o caso que pode salvar a tecnociência. (...) Porque interioridade subjectiva é luz, é a estrela que nos marcou na frente, a cada um de nós, e ilumina o nosso lugar no universo.*

Penso que não me daria respostas, antes me apontaria direcções, sugeria leituras e convidaria à reflexão sobre outras questões que a conversa despoletaria. Como o mestre e professor que era!

Eu, ateu mas crente num transumanismo como futuro para o *Homo sapiens*, não cheguei a ter oportunidade de com ele discutir estas questões. Mas a preparar este elogio dei por mim a aprender coisas novas, a reflectir sobre conceitos actuais, a procurar mais

---

<sup>4</sup> In Archer, L., “O humanismo que salva a tecnociência”, *Brotéria*, 164, 2007, pp. 8-15.

pelo futuro que pelo passado. E este é o melhor elogio que posso fazer a Luís Jorge Peixoto Archer. Citando o próprio<sup>5</sup>:

*Obrigado Senhor, pelo que aconteceu*

*Por me teres arrebatado de mim*

*E eu não ter sido eu.*

*(...)*

*Obrigado por me teres dado muito mais*

*À medida que eu queria tudo.*

### **Agradecimentos:**

A Maria da Graça Fialho e Francisco Malta Romeiras pela cedência de fotos e por me disponibilizarem textos sobre a vida e obra do Professor Archer.

*(Elogio histórico proferido em sessão plenária e pública  
de 30 de março de 2017)*

\*

\*

\*

---

<sup>5</sup> Archer, L., “Obrigado”, in: “O meu Deus”, Separata da *ESTUDOS: Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, Nova Série, n.º 8-9, 2007.



## RECEÇÃO DO SR. RUI MALHÓ COMO SÓCIO EFETIVO DA SECÇÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Maria Salomé Pais

Receber o Sr. Rui Malhó como Académico de número da Academia das Ciências de Lisboa é não só um grande prazer, mas também uma grande responsabilidade.

Não é fácil apresentar alguém que se viu nascer e crescer como Cientista, Professor e como Académico correspondente desta Academia. Tentarei pois, se assim me ajudar o engenho e a arte, ser objetiva escapando ao eventual pecado do excesso sem cair no exagero do defeito.

Cumprindo o que se pode esperar de um recipiendário, começarei por dar umas notas breves sobre a pessoa Rui Malhó.

### Rui Malhó — Cidadão

Lisboeta de gema, nasceu em março de 1967 na freguesia de S. Vicente de Fora. É assim chegado ao auge da sua vida pessoal e profissional com algumas características pessoais que gostaria de deixar aqui expressas. Desde muito cedo, ainda como aluno de Biologia na Faculdade de Ciências, revelou um particular espírito cívico. Atento ao mundo que o rodeia, aparentando uma calma exterior, por ventura reflexo da calma interior, revelava um grande compromisso em relação às causas que abraçava, procurando conciliar as suas atitudes e os seus compromissos com a salvaguarda das suas convicções, e reagindo de acordo com a sua consciência. Tal atitude não deixaria de lhe causar alguns dissabores na sua vida profissional que, certamente, tiveram reflexo na sua vida pessoal.

Não deixou, porém, de lutar pela conquista dos seus ideais e pela dedicação a uma carreira académica como Professor de Biologia na Faculdade de Ciências de Lisboa (FCUL), que o recebera em 1984 (com a idade dos grandes sonhos) e o enriquecera ao longo da sua caminhada como estudante e depois docente.

## Rui Malhó — Docente Universitário

Após terminar, em 1989, o estágio profissionalizante (5.º ano da licenciatura em Biologia Vegetal Aplicada) com média de 19 valores, Rui Malhó concorreu, em 1991, a um lugar de Assistente estagiário do Departamento de Biologia Vegetal da FCUL, tendo sido contratado, em março de 1992 para a Secção de Biologia Celular e Biotecnologia Vegetal.

Decorrente desta contratação, Rui Malhó prosseguiu a sua carreira como docente universitário no âmbito da qual realizou, em 1994, provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, com a classificação de Muito Bom, condição *sine qua non* para prosseguimento, ao tempo, na carreira docente universitária.

Estavam assim reunidas as condições para, como era seu desejo, continuar a sua carreira como universitário e como investigador.

O seu interesse pela Biologia Celular de Plantas levaram-me a incutir-lhe a paixão pela biologia celular da germinação do pólen e a condução do tubo polínico através do estilete para atingir os óvulos no ovário.

Em Lisboa e mesmo em Portugal, não existia um equipamento novo — Microscópio laser — que permitia a observação do material biológico *in vivo*. Conhecendo o interesse de Rui Malhó, e conhecendo o excelente laboratório de Microscopia Confocal de Anthony Trewavas, em Edimburgo, falei com ele, aliás numa viagem que fizemos juntos a Itália, sobre um jovem de quem tinha uma excelente opinião e gostaria que iniciasse, em Portugal, o estudo da biologia celular da germinação e condução do grão de pólen com recurso a microscopia confocal. A esta ideia Anthony Trewavas aderiu de imediato. Faltava apenas chegar a Lisboa e comunicar ao Rui esta decisão e, claro, na sequência, dotar o Laboratório com as condições técnicas necessárias para o prosseguimento da investigação em Portugal, o que significava adquirir a peça fundamental — um microscópio confocal — que foi, durante algum tempo único no nosso País.

Após um primeiro período em Edimburgo, Rui Malhó vem a Lisboa para ajudar na montagem do microscópio, seu instrumento de trabalho, e pelo qual viria mais tarde a ser responsável e a prestar apoio a outros investigadores que tivessem de recorrer a esta tecnologia de ponta de então.

Foi assim que Rui Malhó, sob minha orientação, em colaboração com Anthony

Trewavas, preparou a sua dissertação de doutoramento sobre *Estudo da germinação do grão de pólen — fatores influenciadores do alongamento e crescimento orientado do tubo polínico*, estudo com o qual obteve, em 1995, o grau de Doutor em Biologia Celular pela Universidade de Lisboa com Distinção e Louvor por unanimidade.

Chegado a esta fase, a carreira profissional como docente prosseguia, tendo sido nomeado Professor Auxiliar, sucedendo-se os concursos para Professor Associado após realização de provas de agregação e aprovação, por unanimidade, em 2001. Rui Malhó, após concurso para Professor Catedrático, ocupa, atualmente, o lugar no Departamento de Biologia Vegetal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Como docente e responsável pela formação dos mais jovens, tem participado ativamente na leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. Sobretudo, tem dedicado particular atenção à formação a nível pós-graduado com orientação de dissertações de mestrado e doutoramento nas áreas que tem vindo a desenvolver — Biologia Celular e Molecular, Bioimagiologia e Biotecnologia Vegetal — às quais tem dedicado particular atenção como suas principais áreas de interesse.

Penso ser importante dar aqui testemunho do papel de Rui Malhó na qualidade de Professor Universitário, não apenas como transmissor de conhecimento mas, sobretudo como formador de discípulos, quanto a mim, este, papel primordial de um Professor. **Um professor que não faz discípulos não pode ser chamado um Professor.**

Neste contexto diria que, se tivermos como indicativo o ano de realização do Doutoramento (1995), vão hoje contados, *grosso modo*, 20 anos na carreira como Professor, orientou 5 programas de Pós-Doutoramento e 2 em curso; 11 de Doutoramento; 10 Estágios Profissionalizantes; 2 Estágios Educativos e 5 bolseiros de investigação.

Participou em vários júris de provas de Mestrado, Doutoramento e de Agregação, bem como em concursos para Prof. Auxiliar e Associado.

Enquanto Professor Universitário, desempenhou funções como Subdirector da Faculdade de Ciências de Lisboa para a área científica (nov. 2011 – fev. 2014). Participou como observador, em representação da FCUL, no Conselho Coordenador da Área Estratégica de Ciências da Saúde da Universidade de Lisboa (2012–2013). Participou, por nomeação reitoral, no grupo de estudo sobre “Oferta formativa e

organização académica” no âmbito da fusão da UL com a UTL (maio – julho 2012) e na Comissão Técnica para Elaboração dos Estatutos da Universidade de Lisboa no âmbito da fusão das mesmas universidades (janeiro – fevereiro 2013). É membro do Conselho Estratégico do Parque Natural Sintra-Cascais (janeiro 2014 –). É co-responsável da rede temática “AGRO” da ULisboa (março 2015 –).

### Rui Malhó — Cientista

Não vou deter-me no pormenor, como não o fizera nos itens anteriores. Tal poderá ser efectuado por consulta ao CV apresentado para passagem de sócio correspondente a sócio efetivo desta Academia.

Neste capítulo direi que considero Rui Malhó um cientista que soube granjear, no país e fora, grande consideração pelos seus pares o que se traduz nas colaborações que tem construído a nível nacional e internacional e nas atividades que tem desenvolvido quer como avaliador de projetos de investigação quer como *referee* de revistas da especialidade dentro das suas áreas de especialização (Biologia Celular e Molecular, Genómica Funcional e Microscopia) e ainda como avaliador de projetos científicos dentro e fora do País.

As suas principais áreas de interesse de investigação são: Biologia Celular e Molecular (percepção e transdução de sinal; tráfico membranar); Genómica Funcional vídeo fluorescência e Microscopia Confocal; desenvolvimento em plantas e, mais recentemente, também fruto das colaborações desenvolvidas ao longo da sua carreira, tem vindo a dedicar particular atenção ao estudo de desordens genéticas em humanos, numa perspetiva de biologia celular e molecular integrativa.

Fazer investigação requiere não apenas meios humanos mas também meios financeiros. É pois essencial a um investigador conseguir encontrar os meios materiais necessários à concretização dos seus projetos de investigação, fator determinante na formação de discípulos e na afirmação como investigador competitivo, credor de respeito pelos pares nacionais e internacionais, numa palavra, detentor de um CV de elevado mérito. Desde 1996, Rui Malhó foi coordenador de 13 projetos e parceiro em 15, tendo contado com um financiamento global de 1 194 500 €.

Como consequência da cabal utilização das verbas que tem sabido granjear, conta com 59 artigos publicados em revistas da especialidade com *referee*, 7 em atas de

congressos e de 7 capítulos de livros.

Apresentou 163 comunicações em reuniões científicas da especialidade, muitas delas a convite.

Editou o livro *The pollen tube - A Cellular and Molecular Perspective* (Springer – Verlag, 2006).

É membro do *Editorial Board* da revista *Plant Signalling & Behavior*.

Rui Malhó desenvolve investigação no âmbito do Instituto BioISI (Biosystems and Integrative Sciences Institute) no qual coordena a linha temática “Biotechnology & Bioresources” e é líder do grupo “Plant Functional Genomics”.

Numa altura em que se privilegia a excelência, é de notar que este Instituto obteve a avaliação de *Excelente* por parte da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Considerando a necessidade do despertar do interesse pela compreensão do mundo vivo que nos rodeia e a formação dos jovens desde muito cedo na sua aprendizagem, aproveitou o seu conhecimento profundo sobre o grão de pólen e os mecanismos da fertilização em plantas para, em linguagem simples e graficamente atrativa, levar os pequenos/grandes leitores a descobrir conceitos simples de genética, diversidade ou ecologia, publicando um livro a que deu o título: *Aventuras de Pedro, o Grão de Pólen* (By the Book, 2016). Amador da poesia e inspirado pela descoberta do Bosão de Higgs, editou um livro com poemas de autores selecionados em que as ciências são inspiradoras: *O Bosão do João – 88 poemas com Ciências* (By the Book, 2016).

Rui Malhó não tem descurado o seu papel na divulgação da Ciência. Tal atitude está patente na publicação de artigos de divulgação nos quais se inclui o intitulado “Luzes, câmara, acção. Os filmes microscópicos da nossa vida” (*Revista XXI* da Fundação Francisco Manuel dos Santos).

#### Rui Malhó — Académico correspondente da ACL

Em 2007, foi eleito membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Desde a sua eleição tem participado na vida da Academia não apenas assistindo a sessões da Classe de Ciências mas também apresentando comunicações e colaborando com Académicos da Classe de Letras em diferentes iniciativas.

As sete comunicações apresentadas caracterizaram-se pela maneira integrada como abordou os diferentes temas tratados, tornando assuntos de ponta e informação complexa acessíveis a um público com formação muito díspar.

Em Abril de 2015 publicou, na sequência de um encontro realizado na ACL, um artigo intitulado “A emergência de crises no sistema económico”, com o subtítulo “A cell biologist naive approach” no *Writing to Queens while crises proceed: In memory of Manuel Jacinto Nunes* (ed. Jorge Braga de Macedo, ISBN 978-989-742-019-1).

Considero que Rui Malhó, eleito em 2015, por unanimidade, sócio efetivo ou de número para a secção de Ciências Biológicas da Classe de Ciências da Academia de Ciências de Lisboa, reúne as condições necessárias para o cumprimento das obrigações estatutárias que a sua eleição lhe impõe.

Tendo em conta o seu *curriculum vitae*, as suas características pessoais e humanas e a responsabilidade no desempenho das missões que lhe são confiadas, Rui Malhó, ao ser recebido como sócio efetivo nesta Academia, ocupará a cadeira número 25C.

Estou absolutamente certa de que dará o seu melhor à causa desta prestigiada instituição e que contribuirá decerto, para reafirmar, com a sua atuação, a divisa de Fedro — *Nisi utili quod facimus stulta est gloria // Se o que fizermos não for útil a glória será vã* — adotada aquando da fundação, em 1779, da Real Academia das Ciências de Lisboa, hoje Academia das Ciências de Lisboa.

É pois com o maior prazer e entusiasmo que hoje, no mês em que completou 50 anos de existência e 25 anos de carreira profissional, profiro esta nota de receção e lhe transmito o meu desejo e a minha certeza de que com a honra da sua tomada de posse da cadeira 25C assuma também o compromisso de prestigiar a Academia com a sua atuação.

*(Saudação proferida em sessão plenária e pública  
de 30 de março de 2017)*